

# Sujeito do inconsciente e sujeito em análise de discurso: diferenças e aproximações

Fernando Hartmann<sup>1</sup>  
(UFRGS)

Acredito que quando falamos de ideologia, falamos de uma certa relação do sujeito com a língua. Uma certa relação em que o que está em jogo é algo do nível do particular com o universal, do singular com o coletivo em um sentido mais amplo do Um com o Outro. Minha pretensão aqui é trazer algumas interrogações sobre o que nós conceitualizamos como sujeito e nesse *nós*, que é sempre um pronome complicado de empregar no campo acadêmico eu incluo os psicanalistas e os analistas de discurso, mas sabendo da impossibilidade deste *nós* assim inclusivo eu proponho que esse *nós* seja eu e vocês que estão aqui me escutando. Digo isso porque após ler o título que dei para esta apresentação me deparei com uma imensa dificuldade, que diz respeito a dar conta de uma questão extremamente complicada em um espaço de tempo de dez minutos. Certamente este dar conta é sempre relativo, mas enfim é preciso enunciar em dez minutos algo que tem me ocupado durante horas, dias, meses, anos. Assim a partir de meu próprio exemplo “aqui e agora” entramos em uma das interrogações sobre o sujeito, ou seja, de que sujeito estaremos tratando? O sujeito da enunciação, esses dez minutos que falarei ou o sujeito do enunciado, o que resta registrado para uma possível análise. Entretanto ainda temos o sujeito, se assim podemos chamar, que ficou horas, dias, meses, perdendo horas de sono ou mesmo durante o sono, enquanto sonhava, a ocupar-se desta complicada questão. Será que poderíamos chamar isso de sujeito, tendo em vista que nos falta a enunciação e conseqüentemente o enunciado? Será que podemos, junto com Descartes, repetir eu penso logo existo e assim fundar uma existência a partir do pensamento?

Bem, começarei citando algumas palavras de Michel Pêcheux que estão no artigo “Il n’y a de cause que de ce qui cloche”, artigo que como ele mesmo chamou seria “o início de uma retificação” e que são as mesmas palavras que Michel Plon citou no primeiro SEAD e que Denise Maldidier citou em “A inquietação do Discurso”: “Se algo falha na cena política algo...falha também do lado da psicanálise, na referência feita a seus conceitos, e se condensa na relação entre o eu e o sujeito. Tudo se passa, em Les Vérités de la Palice como se o que aí se diz do sujeito se confundisse tendencialmente com o que é posto concernente ao eu como forma-sujeito da ideologia jurídica...”<sup>2</sup> Denise Maldidier (p.69) vai dizer que “acreditando cercar o sujeito, Michel Pêcheux apreendeu só o eu imaginário; ele de algum modo, re-produziu a ilusão do “eu-sujeito-pleno”, não clivado” e Michel Plon vai lembrar o fato de que Pêcheux nunca utilizou o termo sujeito do inconsciente. No seu artigo Michel Plon se pauta na teoria lacaniana para falar dos cuidados de não confundir sujeito e eu, apontando para o *clochement*, como ele chamou, o mancamto constante ou a impossibilidade de uma interpelação perfeita, sem falhas. Esta crítica é clara, até mesmo porque parte do próprio Pêcheux, mas a nossa questão é o que fazer com isso ou como isso se desenvolve na continuidade teórica da Análise de Discurso. Na França hoje a Análise de Discurso não tem relação com a psicanálise, no Brasil parece que estamos tentando verificar com esse segundo SEAD se existe alguma possibilidade de construção teórica conjunta.

Porém, também para psicanálise essa questão do sujeito não é muito simples. Primeiro nós temos que ter em mente que sujeito é um termo lacaniano e não freudiano, grosso modo, poderíamos dizer que Lacan toma a hipótese do inconsciente freudiana e substitui por sujeito do inconsciente. Dentre as várias fórmulas enigmáticas de Lacan (1998) podemos destacar uma significativamente importante com relação ao sujeito; “Um significante é o que representa um sujeito para outro significante”. Essa fórmula coloca o sujeito entre dois significantes, como algo que desliza na cadeia significante. Certamente ela tem o mérito de não objetivar o sujeito, o que é freqüentemente uma tendência no campo da psicologia. Ela também possibilita pensar o sujeito como efeito de discurso, o

<sup>1</sup> Psicanalista membro da Association lacanienne Internationale, doutorando em educação pela UFRGS

<sup>2</sup> Pêcheux, Michel. Semântica e Discurso. Ed. Unicamp. p. 299.

que vem a ser um pressuposto extremamente importante para Análise de Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux.

O problema é que entrando neste desenvolvimento do sujeito como efeito e ainda submetido ao inconsciente pode-se pensar em um assujeitamento como se “os homens não fossem mais do que ‘suportes’” como escreve Pêcheux (p.297) no artigo “Il n’y a de cause que de ce qui cloche” ao dizer que era preciso rebater as críticas feitas a Althusser. Como fazer com que esse sujeito assujeitado se revolte, não contra o inconsciente, mas contra a ideologia dominante? Os dois pontos incontornáveis no final do artigo (p.304) são claros “não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes (...) e ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primeiro prático do inconsciente, porém os “é preciso” que seguem estes pontos restam ainda em aberto, que são “é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ousar pensar por si mesmo” e o “é preciso ousar se revoltar”. Estes dois “é preciso” tocam a tensão entre o que é do coletivo e o que é do singular, assim como a luta de classes, mas a tentativa de resolver esta tensão novamente acaba por fazer do sujeito uma espécie de possível porto seguro, o que está longe de ser o sujeito lacaniano, que está lá, mas não para o que é preciso. Ele está lá para desejar, e esse desejo é o desejo do Outro que lhe atravessa sem pedir permissão.

Um dos caminhos para pensar a relação do sujeito com a língua são os conceitos de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva de Jacqueline Authier. Denise Maldidier (2003, p.73-74) escreve que:

“O procedimento de Jacqueline Authier colocava em evidência as rupturas enunciativas no ‘fio do discurso’, o surgimento de um discurso outro no próprio discurso.(...) A questão do discurso é, a partir de então, posta sob o signo da heterogeneidade. O primado do outro sob o mesmo se impôs, eu poderia dizer parodiando Michel Pêcheux. O que, nos anos precedentes procurava-se através da contradição marxista ou as falhas da interpelação ideológica, se inscreve agora no termo heterogeneidade.”

Jacqueline Authier-Revuz (1995, p.804) vai teorizar, a partir da análise do que ela chamou de modalização autonímica, a tensão entre o Outro e o Um explícita no discurso, ela diz que é no “real das não-coincidências do dizer irreduzíveis e permanentes, onde elas afetam o dizer, que se produz o sentido”. Eu sigo esse caminho, ou seja, de que a análise, se desejarmos manter o conceito de sujeito da psicanálise fica necessariamente referenciada ao ponto de tensão entre o que é do Outro e o que é do Um, sem a possibilidade de resolvermos essa tensão, de dar um sentido para ela. Neste ponto sujeito e sentido não se confundem. O sujeito é necessariamente *no sens*, não cabendo nenhum predicado a esse sujeito que como referi antes, mesmo dormindo sonha com uma solução para o problema que lhe incomoda. Pêcheux (1997, p.153) escreveu em *Les Vérités de la Palice*: “Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação pela qual a questão da constituição do sentido junta-se à da constituição do sujeito, e não de modo marginal (...) na figura da interpelação”. Se existe uma parte onde a questão do sujeito falha com relação à psicanálise é essa, pois sujeito e sentido não são de forma alguma paralelos. Quando Lacan vai dizer que o inconsciente é o social ou o inconsciente é a política é justamente para apontar que o sujeito não tem outra forma de existência a não ser resistindo na tensão entre o que é do coletivo e o que é do singular.

Jacques Nassif, um psicanalista também citado no livro de Denise Maldidier e que era aluno e colaborador de Lacan já em 1967 escreveu um livro que foi publicado em 2004 “L’écrit, la voix” no qual ela vai tratar de uma forma no mínimo interessante o que nós chamamos de endereçamento, esse endereçamento ao outro que também pode por sua vez endereçar como constitutivo do sujeito. Ele vai trabalhar neste livro o porque os psicanalistas deixaram de teorizar sobre a voz. Algo que me parece interessante é pensar o que este enfoque no endereçamento pode contribuir para pensarmos a idéia de interpelação? As coisas são bem mais complexas do que parecem, pois entramos na problemática do gozo, que como nos lembrou Michel Plon no primeiro SEAD é o campo de Lacan, segundo o próprio Lacan. O gozo na psicanálise é o que explica o assujeitamento do sujeito aos objetos, o que faz possível um objeto comandar o sujeito. Mas esta é uma história bem mais comprida e eu deixo aqui apenas uma dica para estudarmos algo que Pêcheux não tocou na teoria lacaniana que é o objeto *a*, também

lembrado por Plon.

A partir destas breves linhas podemos ter uma idéia da dificuldade que é uma conceitualização do sujeito, como disse Pêcheux (1997, p.153) não é algo evidente que se resolve com um “sou eu”, porém também não se trata de fazer uma teoria sem sujeito. Um outro bom livro para nos ajudar a pensar imagino ser o recém publicado “Le moyen de Parler” do lingüista Gabriel Bergounioux, enquanto normalmente nos preocupamos com o sujeito locutor ele passa a se interrogar sobre o sujeito auditor, trata-se de um livro sobre a endofasia, o discurso interior. Volto aqui ao início desta apresentação, as minhas noites sem dormir ou mesmo dormindo e sonhando. O que é do sujeito ainda resta em aberto, mas não é só na Análise de Discurso...

#### Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Ces mots qui ne vont pas de soi – Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Tome 1 et 2. Paris, Ed. Larousse, 1995.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. Le moyen de parler. Lonrai. Ed. Verdier, 2004.
- LACAN, Jacques. Escritos; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998.
- MALDIDIER, Denise. A inquietação do Discurso – (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje; tradução Eni Orlandi. Campinas, Ed. Pontes. 2003.
- NASSIF, Jacques. L'écrit, la voix – Fonction et champ de la voix en psychanalyse. Aubier, Ed. Flammarion, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso – Uma crítica a afirmação do óbvio; tradução Eni Orlandi [et ali]. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.